



Boy erased: identidades LGBTQIAPN+ em contextos cristãos conservadores

Tacel Coutinho Leal*

RESUMO

Este artigo se volta para o livro de memórias *Boy Erased*, de Garrard Conley (2019) para discutir a situação das pessoas LGBTQIAPN+ dentro da religião cristã nas igrejas conservadoras e seu inverso, as igrejas inclusivas e a teologia queer. Após um breve histórico da terapia de conversão (ou *cura gay*) nos EUA e no Brasil, o artigo faz uma análise do livro de Conley, obra que se tornou uma referência ao se falar no assunto. Para tanto, o artigo traça algumas considerações sobre o gênero da autobiografia. Nos relatos verídicos do autor, a literatura e a arte se mostram como um contraponto fundamental para confrontar as proibições e o sentimento de culpa gerado pela terapia de conversão. A literatura também é um elemento formador da identidade e visão de mundo do autor. Como mostrado no relato, a terapia de conversão não só ocasiona a perda da personalidade e da essência dos participantes, mas também de sua fé em Deus. Numa visão mais ampla, este artigo discute o grande abismo existente entre a visão fundamentalista da fé cristã e sua teologia com sua contraposição: a teologia queer. Por fim, o artigo termina propondo os meios para um possível diálogo entre os dois lados.

Palavras-chave: cristianismo; conservadorismo; LGBTQIAPN+; literatura; teologia queer

* Graduação em Letras licenciatura dupla (português-inglês) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutorado em inglês e literatura correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor associado na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: tacel@uel.br



BOY ERASED: LGBTQIAPN+ IDENTITIES IN CONSERVATIVE CHRISTIAN CONTEXTS

ABSTRACT

This article turns to the memoir *Boy Erased*, by Garrard Conley (2019) to discuss the situation of LGBTQIAPN+ people within the Christian religion in conservative churches and its inverse, inclusive churches, and queer theology. After a brief history of conversion therapy (or gay cure) in the USA and Brazil, the article analyses Conley's book, a work that has become a reference when talking about the subject. To achieve its purpose, the article outlines some considerations about the genre of autobiography. In the author's true accounts, literature and art appear as a fundamental counterpoint to confront the prohibitions and feelings of guilt generated by conversion therapy. Literature is also a formative element of the author's identities and worldview. As shown in the book, conversion therapy not only causes the participants to lose their personality and essence, but also their faith in God. In a broader view, this article discusses the great gulf that exists between the fundamentalist vision of the Christian faith and its theology with its counterpoint: queer theology. Finally, the article ends by proposing the means for a possible dialogue between the two sides.

Keywords: Christianity; conservatism; LGBTQIAPN+; literature; queer theology

BOY ERASED: IDENTIDADES LGBTQIAPN+ EN CONTEXTOS CRISTIANOS CONSERVADORES

RESUMEN

Este artículo recurre a las memorias *Boy Erased*, de Garrard Conley (2019) para discutir la situación de las personas LGBTQIAPN+ dentro de la religión cristiana en las iglesias conservadoras y su inverso, las iglesias inclusivas y su teología queer. Luego de una breve historia de la terapia de conversión (o cura gay) em Estados Unidos y Brasil, el artículo analiza el libro de Conley, obra que se ha convertido en un referente cuando se habla del tema. Para ello, el artículo esboza algunas consideraciones sobre el **género de la autobiografía**. Em los relatos verídicos del autor, la literatura y el arte aparecen como un contrapunto fundamental para afrontar las prohibiciones y los sen-



timientos de culpa que genera la terapia de conversión. La literatura es también un elemento formativo de la identidad y la cosmovisión del autor. Como muestra en el informe, la terapia de conversión no sólo hace que los participantes pierdan su personalidad y esencia, sino también su fe en Dios. Desde una visión **más amplia, este artículo** analiza el gran abismo que existe entre la visión fundamentalista de la fe cristiana y su teología con su contrapunto: la teología queer. Finalmente, el artículo termina proponiendo los medios para un posible diálogo entre ambas partes.

Palabras clave: cristianismo; conservadorismo; LGBTQIAPN+; literatura; teología queer

INTRODUÇÃO

Questões envolvendo sexualidade sempre foram muito difíceis de conciliar dentro do Cristianismo. A ética sexual contida na Bíblia é, praticamente, a mesma há dois mil anos (isto se considerarmos apenas o Novo Testamento). Questões envolvendo a homossexualidade passaram a ser não apenas aparentemente utópicas de se conciliar com a ética sexual bíblica (na visão de quem?), mas também um campo de batalha que só aumenta. Temos visto a crescente onda anti-LGBTQIAPN+¹ nos EUA, com leis sendo passadas e aprovadas em inúmeros estados. Recentemente no Brasil, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados propôs a votação de um projeto de lei que propõe anular o casamento civil homoafetivo, uma conquista de mais de uma década. Pessoas trans, em especial, têm visto seu direito de existir ameaçado a cada dia. Em inúmeros casos, a Bíblia é usada como bandeira. O campo de batalha se dá na arena social, mas também dentro das igrejas. As pessoas LGBTQIAPN+ têm sido excluídas da vida social por séculos. Igualmente, elas têm sido excluídas dos espaços de fé. No entanto, o mundo muda, ainda que a passos lentos. Através do legado de muitos (as) que deram suas vidas por esta luta, a causa LGBTQIAPN+, bem como o resgate de vidas marginalizadas, avança também dentro das igrejas.

¹ A crescente sigla LGBTQIAPN+ atesta a expansão e o entendimento da complexidade da questão de gênero e da sexualidade hoje em dia. Por LGBTQIAPN+ entendem-se todos (as) que partilham de uma vivência sexual e afetiva que se denomina como lésbica, gay, bissexual, transexual, queer, intersexo, assexual, pansexual e não-binário.



Um dos avanços é o surgimento crescente de igrejas inclusivas pelo mundo nas últimas décadas. Por inclusivas, entende-se as igrejas que acolhem pessoas que vêm dos mais variados contextos, mas que partilham de uma vivência afetiva e sexual incluída na sigla LGBTQIAPN+, mas não apenas. As igrejas inclusivas, como a nome já afirma, também acolhem pessoas que se encontram fora da referida sigla. A ideia por trás de tal concepção é a soma, não a exclusão de pessoas. Tais igrejas entendem que o verdadeiro Evangelho é para todos (as). No Brasil do novo século, estas igrejas se agrupam, na sua maioria, no sul, sudeste e nordeste do país, sendo São Paulo a cidade que, notadamente, possui o maior número de templos e comunidades. E aí reside o novo e o revolucionário em tudo isto: um grande grupo de pessoas antes excluídas das igrejas e das manifestações religiosas (principalmente de denominações cristãs), muitas expulsas e carregando traumas e marcas de abuso, estão sendo acolhidas em espaços de fé antes puramente excludentes.

Por outro lado, estas igrejas também se tornaram alvo de duras críticas por meio das igrejas tradicionais e da mídia em geral. Para o teólogo, estudioso e crítico André Musskopf (2021) a visão geral das igrejas inclusivas, na opinião pública, é a de que estas instituições são carregadas de contradições e que tentam “justificar o injustificável.” Todo o avanço gera resistência e quando este avanço move estruturas religiosas milenares, o surgimento de críticas e sanções tendem a aparecer. De acordo com Musskopf (2021):

Apesar disso, pelo menos desde a década de 1980, estes grupos são uma realidade em toda a América Latina. Com características particulares em cada lugar e período em que surgem e se desenvolvem, eles representam uma tentativa de conciliar orientações sexuais e identidades de gênero fora do padrão heterocêntrico com a experiência de fé. (André MUSSKOPF, 2021, loc. 312, 318).

Esta tentativa de conciliação tem partido, quase exclusivamente, de forma unilateral: se antes grupos LGBTQIAPN+ precisavam solicitar, ou mesmo suplicar, por espaços de afirmação e pertencimento nas religiões de denominação cristã (mas não apenas, também no Judaísmo e no Islamismo), hoje o que se observa é uma postura de exigência de



pertencimento e voz nos espaços de fé outrora unicamente supressivos. Ou seja, esta mudança não tem partido das grandes igrejas, mas, ao contrário, tem sido o fruto de reivindicação e ações de afirmação de fé por parte de grupos historicamente excluídos. É possível dizer que se trata de uma ação de empoderamento e agência das minorias sexuais que, num movimento contrário ao que se configurou por séculos, busca afirmação não fora, mas no centro das maiores religiões organizadas que se tem conhecimento.

No entanto, se considerarmos a situação das pessoas LGBTQIAPN+ que ainda estão dentro das igrejas cristãs conservadoras, veremos que a situação, cada vez mais, se torna retrógrada e produtora de traumas. Um dos lados mais sombrios deste quadro é a chamada terapia de conversão (ou *cura gay*). Nos Estados Unidos, a prática ainda é recorrente, embora tenha diminuído consideravelmente. Em seu relato autobiográfico *Boy Erased* (2016), Garrard Conley traça um breve, mas importante, panorama do movimento de reorientação sexual nos EUA que apresentamos aqui.

Em 1973, a organização fundamentalista cristã AEA – Amor em Ação (*LIA – Love in Action*, em inglês) rejeita a declaração da Associação de Psicologia de que a homossexualidade não é uma doença mental. Apesar da declaração, a AEA funda sua primeira sede na Califórnia e promete curar os “vícios sexuais” das pessoas LGBT em sua igreja. Como resultado da primeira conferência da AEA em 1976, os membros formam a *Exodus International*, a “maior organização de reorientação sexual do mundo. A AEA é o principal programa da organização” (Garrard CONLEY, 2019, s/p). Em 1977, Jack McIntyre, um interno no programa há quatro anos, comete suicídio, provocando as primeiras ondas de protestos e deserção de seus líderes, como a saída e condenação do programa por John Evans (um dos seus principais líderes). Em 1982, em conjunto com a *Exodus Europe*, a organização se expande para a Europa. Também no mesmo ano a *Exodus International* estabelece ministérios em outros continentes e países, como na Austrália, Brasil e Portugal. No final da década de 1980, ministérios são criados na Ásia, como nas Filipinas e em Cingapura. Segundo Conley, em seu auge, a *Exodus International* chegou a financiar mais de 200 programas parecidos nos EUA. No começo do



novo século, em 2000, a organização realiza sua primeira conferência em Quito, no Equador. Daí, expande seus ministérios para China, Índia, Indonésia, Malásia, México, Sri Lanka e Taiwan. O começo do novo século marca uma mudança significativa em seu quadro de ação. Se até então o alvo destes ministérios eram adultos, em 2003 a AEA cria seu primeiro programa voltado para expandir a terapia de conversão para adolescentes, com a ajuda e concordância dos pais e das igrejas. Em seu auge, a *Exodus International* e a AEA tiveram um impacto global bastante amplo, criando um verdadeiro aparato de intolerância e exclusão, bem como de depressão (e outros problemas psíquicos) e a consequente perda de qualquer sinal de fé em seus (as) internos (as).

Garcia e Mattos diferenciam o que chamam de “terapias de reversão da orientação sexual” das terapias de conversão. No primeiro caso os autores se referem às terapias que se embasavam em pressupostos científicos aplicados a uma possível mudança da orientação sexual e que foram tidos como válidos no passado. Já no segundo caso, as terapias de conversão, há um claro fundo religioso que se nega a aceitar que a homossexualidade foi despatologizada e que tais práticas de conversão foram proibidas por conselhos de psicologia no Brasil (Resolução no 001/1999, do Conselho Federal de Psicologia- CFP), assim como por conselhos de psicologia internacionais. Ainda, os autores afirmam que:

Embora tal separação seja um tanto quanto artificial, uma vez que estas modalidades se misturam frequentemente, o termo “conversão” é importante para marcar a origem religiosa das terapias atuais que propõem o tratamento e “cura” das homossexualidades, na medida em que pressupõe tanto a passagem para uma suposta heterossexualidade como a adoção de uma nova religião (Marcos Roberto GARCIA & Amanda MATTOS, 2019, p. 50).

Se na Europa e América do Norte a homossexualidade² começou a ser entendida como uma patologia na metade do século XIX, no Brasil foi

2 Os autores usam o termo ‘homossexualidades’ (no plural) para salientar a pluralidade de vivências e construções de identidade que o termo abarca. Também entendem a patologização das homossexualidades dentro de um contexto maior, o da patologização das sexualidades dissidentes ao longo da história.



nas décadas de 1930 e 1940 que tal associação ganhou força. Segundo os autores a “pluralidade classificatória das homossexualidades é bastante presente em um dos manuais médicos brasileiros, o de Viveiros de Castro (1934), referência durante pelo menos quatro décadas para a medicina legal em nosso país” (Marcos Roberto GARCIA & Amanda MATTOS, 2019, p. 53). O referido manual médico descreve a homossexualidade em termos e categorias patológicas bastante variadas. É a partir deste entendimento que os autores descrevem as terapias de reversão da orientação sexual. Quando em 1973, a homossexualidade deixou de ser entendida como um transtorno mental pela Associação Americana de Psiquiatria, que retirou a homossexualidade do quadro dos transtornos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), as terapias de reversão da orientação sexual deixaram de ser praticadas.

Antes desta data, tratamentos que variavam de psicoterapêuticos, cirúrgicos, comportamentais e psicanalíticos foram usados para tentar a “cura” da homossexualidade em diversos países, como EUA e Brasil. No caso do Brasil, os autores afirmam que a psicologia parecia reproduzir:

as tendências já relatadas acerca das terapias de reversão da orientação sexual no contexto estadunidense, havendo, contudo, uma profusão de artigos patologizantes, com indicações de tratamento psicoterápico para reversão das homossexualidades ainda nos anos 1980, momento em que, nos Estados Unidos, os órgãos de classe já questionavam fortemente a atribuição do status de doença às homossexualidades. (Marcos Roberto GARCIA & Amanda MATTOS, 2019, p. 50).

Em outras palavras, uma década após a retirada da homossexualidade do quadro de transtornos mentais pela Associação Americana de Psiquiatria, a psicologia brasileira ainda insistia em enxergar a homossexualidade como uma patologia, sob uma perspectiva pseudocientífica e desatualizada.

No entanto, quando consideramos as terapias de conversão, então a origem e os meios são diferentes. Neste caso, a religião é a mola propulsora para a criação de práticas que, sob a ótica do fundamentalismo religioso, prometem curar as pessoas LGBTQIAPN+ de seu pecado,



tornando-as “ex-gays,” como a maioria dos líderes do movimento de conversão sexual se define. Segundo os autores:

Desenvolvidas nos EUA em contextos religiosos diversos, principalmente cristãos, as chamadas “terapias de conversão” configuram-se como um conjunto de práticas que surgem a partir da exclusão da homossexualidade como doença do DSM (1973) e da resolução subsequente da American Psychological Association – APA (Conger, 1975). [...]

Com um pano de fundo que define a homossexualidade como pecado, grupos religiosos passam a misturar estratégias de “tratamento” da homossexualidade exclusivamente religiosas (tais como exorcismos) com terapias grupais e grupos de mútua-ajuda. (Marcos Roberto GARCIA & Amanda MATTOS, 2019, p. 56).

É sabido que os mentores da terapia de conversão, em sua grande maioria cristãos conservadores, negam a ciência, colocando em seu lugar as interpretações conservadoras das escrituras. Assim, a homossexualidade é vista sob a ótica do pecado e da perversão. Ao usar métodos religiosos em suas práticas, como o exorcismo, também sugerem que a homossexualidade tem uma causa sobrenatural, antinatural e demoníaca. De 1973 até os dias de hoje, cinquenta anos já se passaram, mas a terapia de conversão ainda é praticada ao redor do mundo. Segundo o site da Global Equality Caucus³, organização dedicada a combater a discriminação sexual e de gênero e a prática da conversão, a terapia de conversão ainda é legal em quase todo mundo, sendo que apenas sete países baniram tais terapias de sua jurisdição. Dentre estes países, o Brasil foi o primeiro a banir tais terapias de seu território em 1999, liderando a total proibição das terapias de conversão em todo o mundo. Contraditoriamente, o Brasil é um dos países que mais comete violência contra a população LGBTQIAPN+, liderando o *ranking* mundial de mortes de travestis e transexuais há anos.

3 Global Equality Caucus, disponível em: <<https://equalitycaucus.org/>>. Acesso em 10 de ago. 2023.



BOY ERASED E A AUTOBIOGRAFIA

Boy Erased é o primeiro livro de Garrard Conley, sua estreia no mundo literário, publicado originalmente em inglês em 2016⁴. Nos agradecimentos do livro, o autor relata que imaginava começar sua carreira literária escrevendo ficção. No entanto, seus colegas de aula e professores na Universidade da Carolina do Norte o estimularam a escrever sua própria história, dado à relevância do tema. Como o autor mesmo relata, a tarefa não foi das mais fáceis. Segundo ele, a tarefa foi “um dos momentos mais difíceis de minha vida [...] tive de ir fundo em lembranças que queria esquecer.” (Garrard CONLEY, 2019, p. 319).

Ao lermos o livro de memórias de Conley (2019), questões envolvendo a autobiografia estão imbricadas em tudo o que é relatado desde o início. Na nota introdutória do livro o autor afirma

Durante minha estadia na Amor em Ação (AEA), nenhum diário, máquina fotográfica ou qualquer outro método de registro era permitido dentro da instituição. Por isso, recriei todos os acontecimentos, descrições físicas e diálogos da melhor maneira possível. As lembranças de minha mãe e as minhas, o manual de reorientação sexual da AEA, artigos de jornal, posts em blogs e entrevistas pessoais preencheram as lacunas quando o trauma obscureceu coisas que eram dolorosamente claras. Como na maioria dos livros de memórias, a cronologia é precisa e foi alterada apenas nos pontos em que a narrativa exigia. (Garrard CONLEY, 2019, n.p.).

A disparidade temporal entre o que foi experienciado e o que é relatado muitos anos após não é incomum em relatos autobiográficos. Os fatos vividos pelo autor se deram em 2004, e a escrita das memórias ocorreu mais de uma década depois, entre 2015 e 2016. Um fator complicador à época vivencial foi a impossibilidade de acesso a qualquer dispositivo que pudesse ter sido usado para reter os fatos vividos durante as experiências (como diários e máquinas fotográficas). As lembranças passam a ter uma importância fundamental na recriação do que foi vivido, bem como o manual e os posts em blogs e outros meios. Para nós, a leitura destas memórias está, fundamentalmente, tingida e ligada às condições descritas pelo autor.

⁴ Para análise neste artigo, utilizamos a primeira edição para o português, de 2019.

Em seu seminal texto *O Pacto Autobiográfico*, Philippe Lejeune (2008), talvez o maior referencial que se conhece ao falarmos do assunto, define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Philippe LEJEUNE, 2008, p. 14). Além disso, Lejeune (2008) afirma que outras quatro características também entram em jogo: a linguagem narrativa em prosa, o assunto tratado que se circunscreve no relato da vida individual e na personalidade do (a) autor (a), na situação do autor, ou seja, em sua identidade expressa pelo seu nome próprio e, finalmente, na posição retrospectiva do narrador, que conta sua própria história passada e é o personagem principal. Ora, o livro de memórias *Boy Erased* se encaixa em todas estas definições.

Leonor Arfuch (2010) fala da relação estabelecida entre escritor e leitor em casos de relatos autobiográficos, ao que ela, usando o conceito de Phillippe Lejeune, também apresenta como “pacto autobiográfico.” Assim, é preciso que as duas partes concordem em aceitar tal aliança tácita. Nas palavras de Arfuch, Lejeune (2010):

conclui que a diferença qualitativa que emana da leitura das *confissões* não é tanto o devir de uma vida em sua temporalidade, apoiada na garantia do *nome próprio*, embora isto tenha, como veremos, sua importância, ou o desenfado na revelação da própria intimidade, mas o *lugar outorgado ao outro*, esse leitor que se presume inclemente, e que se tenta exorcizar a partir da interpelação inicial, por meio da explicação de um pacto singular que o inclui, o pacto autobiográfico. (Leonor ARFUCH, 2010, p, 51-52).

Todo relato autobiográfico, assim, presume um leitor ‘inclemente,’ que irá julgar as memórias e os fatos que lê. Por força do próprio gênero, todo o escritor precisa conceder, dentro do que escreve, este lugar a seu potencial leitor. Quando Conley nos relata que tentou lembrar do que viveu “da melhor maneira possível,” ele está apresentando suas condições e o processo da escrita de suas memórias, e, também, apresentando e convidando nós, seus (as) leitores (as), a participar deste pacto que deve ser mutuamente contratado. Segundo Arfuch (2010), toda obra autobiográfica solicita e oferece algo ao leitor, seu



destinatário. Solicita a cumplicidade do leitor em aderir ao pacto que é oferecido ao longo do que é relatado, sendo essa uma troca *intersubjetiva* e *pragmática*, autor e leitor unidos neste acordo mútuo e prático, caso a finalidade da obra seja cumprida e aceita por ambas as partes.

Para Arfuch (2010), a definição de autobiografia criada por Lejeune é mais referencial do que pragmática, pois implica na existência de um *eu de autor* que “propõe a coincidência ‘na vida’ entre os dois sujeitos. O do enunciado e o da enunciação [...], mas como saber que ‘eu’ é quem diz ‘eu’?” (Leonor ARFUCH, 2010, p. 52). Para a autora, a afirmação de Lejeune está fortemente marcada por esta interrogação. Segundo ela, mesmo que consideraremos este “eu” em relação ao nome do autor, ainda assim há casos como autores que usam pseudônimos e outros desdobramentos que não relacionam, de fato, este “eu de autor,” que conta seu relato, ao nome próprio como prova de sua existência.

Anos mais tarde, Lejeune reviu algumas de suas afirmações no artigo “O pacto autobiográfico, 25 anos depois,” escrito em 2001. A noção de pacto continua como elemento central em sua teoria, mas ele salienta que este pacto só envolve o autor e que o leitor “fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Isso é verdade. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la” (Philippe LEJEUNE, 2008, p. 73). Ao lermos *Boy Erased*, junto com a decisão de ler e embarcar no relato proposto, podemos aceitar ou contestar a estratégia proposta por Conley. Cada leitor é livre para determinar que tipo de relação estabelecerá com a obra. Embora Lejeune, nos textos citados, não tenha problematizado a questão do nome próprio como expressão da personalidade de alguém, como levantado por Arfuch, no caso de *Boy Erased* não resta dúvidas da ligação entre autoria, nome próprio e relato em prosa. O gênero autobiográfico é amplo e complexo e inúmeras variantes podem existir, bem como diferentes questionamentos e hipóteses. Lejeune (2008) deixa claro que sua definição não é final, fechada e inquestionável. Como ele próprio afirma: “Forneci uma definição e estou contente que tenha agradado. Uns ficam aliviados, outros reagem com indignação: minha definição às vezes parece estreita, sectária, arbitrária ... Quanto a mim, faço parte daqueles que ... reagiram.” (Philippe LEJEUNE, 2008, p. 79).



Por fim, vale salientar que as questões sobre a autobiografia, por serem multifacetadas e complexas, mereceriam um artigo exclusivamente dedicado a examiná-las no relato autobiográfico de Conley. Porém, esta possibilidade não será detalhadamente exposta neste artigo, pois não é seu foco principal, embora esteja diretamente implicada. Embora o relato autobiográfico do autor seja o “veículo” aqui, este estudo se debruça sobre a situação das pessoas LGBTQIAPN+ dentro da religião cristã nas igrejas de perspectiva conservadora, expressas em *Boy Erased*, como seu tema principal, bem como o papel da teologia queer na desconstrução deste impasse, seus limites, desafios e possíveis acertos.

APAGAMENTO, CULPA E DOR

Como o próprio título implica, temos aqui o relato autobiográfico de um garoto gay que foi apagado, anulado pela intolerância religiosa e pela terapia de conversão. À época dos fatos, Conley tinha 19 anos. A escolha do título já encerra a tônica da obra e da experiência vivida: a terapia de conversão é uma violência contra a integridade física e psicológica de seus participantes e, certamente, uma negação e um apagamento da identidade de gênero e da orientação sexual das pessoas que são submetidas a tal prática. Somente uma sociedade homofóbica e retrógrada poderia engendrar algo assim. Tristemente, a igreja tradicional e a visão limitada do Evangelho fazem parte deste projeto.

O livro de memórias reconta as experiências vividas por Conley ao ser enviado para o programa focado em jovens da AEA em 2004. O autor vivia numa cidade pequena e conservadora do sul dos Estados Unidos. Não apenas sua família pertencia à igreja Batista local, conservadora por excelência, mas seu pai havia sido ordenado pastor ao longo do processo. Quando a homossexualidade de Conley vem à tona, os pais o enviam para o programa de terapia de conversão. Um forte tema tratado no relato autobiográfico é a culpa. Para agradar seus pais, e movido pela culpa, o autor aceita passar pelo processo da terapia, mesmo intuindo sua provável ineficácia. É sabido que o sentimento de culpa é recorrente em pessoas LGBTQIAPN+ que nascem em famílias cristãs conservadoras. Também o fato de, por se tratar de pessoas muito jovens, não têm a independência e a agência necessárias para se opor



à autoridade paterna. Assim, a culpa entra como mais um elemento de coação e aquiescência.

Na verdade, a culpa e o pudor em relação ao sexo e às questões da libido são elementos recorrentes no cristianismo, independente da orientação sexual. No caso aqui tratado, tal culpa provém da visão drástica e das traduções e interpretações extremas da Bíblia sobre a homossexualidade e a todo comportamento sexual conflitante com a ética sexual da tradição judaico-cristã. Ao dissertar acerca da visão da igreja sobre a homossexualidade, Daniel Borrillo faz uso da passagem sobre Sodoma e Gomorra no livro de Gênesis da Bíblia, símbolo do pecado manifesto numa cidade. Segundo o autor:

Sem sombra de dúvida, Sodoma, cidade situada no sul do Mar Morto, e Gomorra permaneceram célebres como arquétipos de comunidades dominadas pelo pecado: menosprezo pelas regras da hospitalidade, orgulho e, sobretudo, homossexualidade são as características de seus habitantes, que foram aniquilados por enxofre, sal e cinzas, em uma terra completamente queimada. O *Dictionnaire des mots de la foi chrétienne* (1989) define a sodomia como o “pecado, cujo nome deriva da cidade de Sodoma, designando qualquer relação homossexual ou contra a natureza. Vício” (Daniel BORRILLO, 2021, p. 49).

A condenação da homossexualidade e a culpa advinda desta sentença estão impregnadas na tradição judaico-cristã e em seus subprodutos, como dicionários e enciclopédias bíblicas. São séculos de pronunciamentos homofóbicos por parte da igreja, embasados por interpretações radicais e descontextualizadas das passagens bíblicas⁵. Para as pessoas LGBTQIAPN+ que nascem em famílias cristãs, os conflitos e o sentimento de culpa começam já na primeira adolescência.

⁵ Sobre a condenação da homossexualidade no livro de Gênesis, Borrillo explica que: “O contexto histórico em que tais prescrições foram enunciadas permite compreender melhor sua severidade: após sua libertação do Egito, o povo de Israel foi obrigado a editar normas estritas, destinadas a garantir sua sobrevivência demográfica e cultural. Os alicerces patriarcais do povo judeu encontrar-se-iam, efetivamente, em perigo se viessem a disseminar-se outras práticas além da relação com mulheres. Essa dupla necessidade - preservação biológica da comunidade dos eleitos e conservação cultural da sociedade patriarcal- explica a hostilidade contra as práticas homossexuais. (Daniel BORRILLO, 2000, p. 49)



Em *Boy Erased*, a culpa se manifesta como um elemento subjacente em todo o processo de amadurecimento intelectual e sexual do autor. O conflito entre a descoberta de sua orientação sexual, em contraponto com as crenças religiosas da família e com a culpa inerente, leva o autor a executar processos de fuga, autopunição e de punição simbólica da casa dos pais que são detalhados em seu relato, como na passagem a seguir

Quando cheguei à puberdade e comecei a fantasiar mais com homens, fiquei tão hipnotizado pelo mundo dos videogames que mal me levantava do chão nos finais de semana. Nas poucas ocasiões em que não podia mais ignorar minhas necessidades, eu ficava em pé, irritado, para soltar fluxos de urina no carpete ao pé da cama. Era impossível saber se minha mãe entrava em meu quarto enquanto eu estava na escola, mas queria que ela fizesse isso. Queria que ela interpretasse os hieróglifos molhados que escrevia para ela – às vezes meu nome; com mais frequência o desenho de um oito ou, dependendo do ângulo, o símbolo do infinito – ainda que eu mesmo não os entendesse. Sentindo-me culpado ao chegar da escola, eu entrava escondido no banheiro, roubava alguns produtos de limpeza e limpava o carpete até o quarto deixar de cheirar a urina. E, apesar de ter parado de fazer aquilo depois dos dezesseis, eu ainda tinha vontade de violar nossa casa de alguma maneira. Às vezes imaginava o lugar todo em chamas, nossa pequena família abraçada do lado de fora enquanto as paredes caíam em câmera lenta (Garrard CONLEY, 2019, p. 63).

O sentimento de culpa e impotência transformam-se na necessidade inconsciente de violar a “santidade” e as proibições presentes na casa dos pais (e do que eles representam), processo que seria, muito provavelmente, explicado através da psicanálise sem muitos problemas. O mecanismo da fuga, voltado para os videogames, por um tempo, é capaz de abafar os impulsos homossexuais que geram tanto sofrimento no autor. Como Borrillo (2021) bem coloca, a igreja vê as relações homossexuais como antinaturais e um vício. No caso aqui tratado, a notícia da homossexualidade do filho é vista com grande angústia e preocupação por parte dos pais, fator que os leva a enviar o filho para o programa de terapia de conversão.



Mais tarde, já com 19 anos e interno no programa de conversão sexual da AEA, o autor vai experimentar, e ser inculcado, pela culpa sistemática imposta pelos princípios fundadores da AEA. Um personagem frequente nos relatos é John Smid, que foi o principal professor no tempo em que Conley passou no programa. O autor usou pseudônimos para se referir a pessoas próximas a ele que figuram no relato verídico. No entanto, o nome verdadeiro de John Smid, também um dos principais líderes da AEA na época de sua experiência, é mantido no livro. O autor descreve como teve apoio jurídico para abordar temas que precisariam de um conhecimento legal para não incorrer em possíveis infrações legais. A manutenção do verdadeiro nome de Smid é um destes temas⁶.

Em incontáveis passagens, temos as falas de Smid, intitulado como um *ex-gay* (como todos os líderes da AEA), na posição de liderança do processo de terapia. A culpa aqui é usada como um fator impulsionador para a adesão e sensibilização dos (as) participantes dos “tratamentos” durante a terapia de conversão. As falas reproduzidas abaixo dão uma ideia do teor das sessões na AEA

– A primeira coisa que vocês precisam fazer é reconhecer o quanto se tornaram dependentes de sexo, de coisas que não são de Deus – disse Smid.

Estamos no Primeiro Passo do Amor do programa Doze Passos para a Ação, uma série de princípios que põe os pecados da infidelidade, da brutalidade, da pedofilia e da homossexualidade no mesmo patamar de vícios como o alcoolismo e o jogo: um tipo de Alcolólicos Anônimos para o que os conselheiros chamam de “desvio sexual.” (Garrard CONLEY, 2019, p. 14)

– Pois a recompensa do pecado é a morte – continuou Smid (Garrard CONLEY, 2019, p. 27)

– Os padrões compulsivos dos pais influenciam os filhos – continuou Smid. – Essa é a fonte mais comum do pecado sexual. (Garrard CONLEY, 2019, p. 37)

– Em meio à nossa desorientação, começaríamos a entender que

⁶ Leonor Arfuch questiona a denominação de Lejeune de que a existência de um “eu de autor” estaria, de fato, garantida pelo uso do nome próprio em relatos autobiográficos. No caso de *Boy Erased*, não apenas o nome de Garrard Conley, mas também o nome de John Smid, atestam tal existência. Embora fora da AEA há mais de uma década, John Smid ainda é um nome conhecido nos EUA e sua biografia e redes sociais são facilmente encontradas na Internet.



estávamos “fora de controle”, que precisávamos confiar na autoridade de Deus e dos conselheiros. No dia anterior, Smid me pedira para pensar em uma época em que meu pai e eu havíamos praticado esportes juntos.” (Garrard CONLEY, 2019, p. 92).

– Somos nós que temos de pedir ajuda de Deus – disse Smid. – Somos nós que temos de implorar por perdão. (Garrard CONLEY, 2019, p. 94).

Ao longo das sessões de conversão, a homossexualidade é definida como sendo um pecado sexual, como a herança da transgressão dos pais e antepassados, como um comportamento fora de controle, como falta da afirmação da masculinidade ou feminilidade por parte dos pais, como um vício, como um comportamento cooptado pelo Diabo, como uma ilusão de autossuficiência que afasta as pessoas de Deus, entre outras.

Lembremos aqui que o começo das ações da AEA se deu após sua rejeição em aceitar a declaração da Associação Americana de Psicologia, no ano de 1973, de que a homossexualidade não deveria mais fazer parte da lista das doenças mentais. Assim, além desta rejeição, a visão da AEA sobre a homossexualidade funda-se na crença de que as causas são espirituais, religiosas, familiares e mesmo demoníacas. Ao longo do processo da terapia, e fruto de sua experiência na AEA, Conley chega mesmo a duvidar de sua sanidade mental, uma vez que havia casos de doenças mentais em sua família.

Uma faceta relevante do relato autobiográfico do autor recai sobre o papel fundador e regenerador da literatura em sua personalidade (mas também de seu dilema, por conta das proibições). O apagamento de sua personalidade e orientação sexual é contrabalanceado por seu crescente interesse pela literatura, que age como formadora de seu inconsciente, e mesmo de mantenedora de sua sanidade. Durante o processo, o autor relaciona as leituras que faz, como os romances de Emily Brontë, Fiódor M. Dostoiévski e Oscar Wilde, com os fatos que vivencia. Através da literatura, Conley considera sua posição no mundo e no processo da terapia de conversão, ora se comparando com os personagens de ficção, ora repensando sua situação e suas origens por meio de passagens literárias. Em meio ao insólito vivenciado no programa da AEA, que chega mesmo a pôr em xeque sua crença em Deus e no propósito final do cristianismo, a literatura age como elemento norteador de grande capacidade e poder relacional.



E não seria para menos. Para o crítico Tzvetan Todorov (2009), a literatura não apenas nos ajuda a viver, mas também nos coloca em contato com experiências de vida diversas que dilatam nossa experiência do mundo. A literatura é

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, [ela] amplia o nosso universo, incitando-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente [...] Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda à sua vocação de ser humano” (Tzvetan TODOROV, 2009, p. 23, 24).

A proibição de contato com a literatura, enfrentada no programa de conversão da AEA, visa justamente o contrário: reduzir o horizonte dos (as) participantes ao máximo, para que reste apenas a culpa e o terreno necessário para a disseminação de visões extremas de Deus e da sexualidade. Longe do contato literário (e mesmo de filmes), os (as) internos (as) são proibidos de ter qualquer interação com outras pessoas e, assim, formular novas hipóteses e possibilidades. Num programa que impossibilita que cada pessoa responda à sua real vocação humana, não é à toa que uma grande parte dos (as) participantes relate a ineficácia e as consequências danosas da prática. Poderia a fé, em consonância com o crescimento humano e intelectual, ser experienciada num contexto desprovido de criatividade, de espontaneidade e liberdade?

Da mesma forma, o crítico Antoine Compagnon (2009) nos lembra que a literatura também nos ensina uma postura de tolerância ao que é diferente. Para ele, a literatura é capaz de nos transmitir a experiência dos outros, todos (as) os seres humanos que “estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós em suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (Antoine COMPAGNON, 2009, P. 47). Tolerância e diversidade, certamente, não estão na receita criada pela AEA durante a terapia de conversão, bem como arte e literatura.



Conley descreve em seu relato como os (as) participantes são ensinados (as) a externar amor uns pelos outros (as), mas de forma asséptica e distante, como parte da formalidade das sessões de conversão. Porém, esta é uma forma de amor que carece de real tolerância, de respeito pela diversidade de experiências (e dramas) vividos por cada um (a).

Ao chegar no programa de conversão da AEA, o autor é impedido de manter seu diário pessoal e literário onde escreve seus contos. O diário e os contos são destruídos, pois são considerados como obstáculos e como uma ameaça ao sucesso da terapia

– Não permitimos diários – disse o recepcionista, citando o manual. – Todo o resto é distração. [...] Não lembro mais que conto ele achou, mas me lembro do jeito com que arrancou as páginas, amassou-as em uma bola compacta e disse, com uma voz livre de emoção: – Imagem falsa.” (Garrard CONLEY, 2019, p. 26).

A rejeição de seu interesse pela literatura, bem como a destruição dos contos que escreve, são dados fortemente ilustrativos do apagamento e negação da personalidade, da orientação sexual e da essência do autor (sem falar em sua liberdade). Nada que possa questionar a autoridade de Deus (na versão da AEA), da evidência do “pecado sexual” em que se encontra, e da ilusão de autossuficiência de sua personalidade são aceitos no programa. Na visão da AEA, a literatura (e a arte em geral) configura uma imagem falsa pois transmite uma visão distorcida e irreal da personalidade dos (as) internos. Todo o traço de personalidade e de atividade intelectual e social (próprios da literatura) são considerados como distrações (o total oposto do que Todorov nos esclarece). Para alcançar o alvo, a “cura” da homossexualidade, é preciso apagar toda a individualidade, criatividade e espontaneidade dos (as) internos. Aqui, a liberdade⁷ em Cristo é, sumariamente, ignorada.

Como resultado desta postura, a terapia cria não apenas a perda da personalidade e da essência dos (as) participantes, mas traumas severos (e, não, raro, casos de suicídio). Além, disso, Conley relata em suas

⁷ Tenham cuidado para que ninguém os torne escravos por meio de argumentos sem valor, que vêm da sabedoria humana. Essas coisas vêm dos ensinamentos de criaturas humanas e dos espíritos que dominam o Universo e não de Cristo – Colossenses 2:8 (Bíblia NTLH).



memórias a perda de sua fé em Deus. Dez anos após sua experiência na AEA, o autor relata o choque que teve ao ouvir o testemunho de John Smid, no podcast *The American Life*, admitindo que a transformação da maioria das pessoas LGBTQIAPN+ não consegue incluir a mudança de sua orientação sexual (fato que para Conley é uma obviedade). Como o autor ressalta

Como se isso fosse a única coisa necessária – Smid admitir a mentira óbvia que vendeu para mim e minha família – para consertar os danos infligidos a todos nós. Como se isso pudesse compensar a década de confusão e dúvida que acompanhou o colapso da minha fé (Garrard CONLEY, 2019, p. 310).

O resultado da terapia de conversão se mostra como o total oposto do que pretende. A “cura gay” não consegue mudar a orientação sexual de seus participantes, além de causar danos psicológicos sérios, às vezes irreversíveis. Como se isso não bastasse, a terapia de conversão seguidamente leva à perda de toda a crença em Deus e no poder transformador do Evangelho de Cristo. O Deus mostrado na terapia de conversão não é um Deus de amor, perdão e inclusão, mas um Deus de ira e exclusão.

Em 2012, John Smid publicou o livro de memórias *Ex’d Out – how I fired the shame committee*, onde relata toda sua caminhada na AEA e sua liderança na terapia de conversão. Nas memórias, Smid vai desde sua total crença de que a única maneira de ser aceito por Deus era mudando sua orientação sexual, até sua deserção e total oposição à prática da conversão e do “comitê da vergonha”, como ele passou a se referir à AEA. Hoje, Smid, um “ex-ex-gay”, vive com seu marido, Larry McQueen, no Texas. Smid também oferece aconselhamento para jovens LGBTQIAPN+ de forma voluntária. Em suas redes sociais e entrevistas, Smid também menciona sua perda na fé cristã, pelo menos nos moldes conservadores de antes. Suas falas sobre Deus na mídia são pontuadas por reticências e dúvidas. De qualquer um dos lados – como líder, professor ou como paciente – a terapia de conversão consegue, de fato, abalar toda possibilidade de fé em um Deus justo e compassivo.



Garrard Conley tornou-se um escritor jovem e promissor. *Boy Erased*, seu primeiro livro, obteve grande sucesso de público, tendo sido adaptado para o cinema em 2018, dirigido por Joel Edgerton. Igualmente, o filme foi recebido com grande êxito pela crítica, tendo recebido doze prêmios e cinquenta indicações em festivais de cinema ao redor do mundo. Atualmente, Conley está escrevendo seu primeiro romance de ficção, sua grande paixão desde o início, que será publicado em 2024. Como vemos em seu relato autobiográfico, a literatura foi o elemento constituinte de maior impacto em sua formação e amadurecimento⁸. O apagamento de seu progresso intelectual e literário, bem como de sua orientação sexual e personalidade, sofrido no programa de conversão da AEA, não foi o suficiente para suprimir sua vocação para a literatura.

A GRANDE LACUNA: TEOLOGIA TRADICIONAL VERSUS TEOLOGIA QUEER

O relato autobiográfico *Boy Erased* descreve uma realidade que ainda persiste ao redor do mundo. A maioria dos países ainda permite a existência de programas de conversão sexual em seus territórios. Os danos causados por tal prática continuam a ser difundidos e praticados em incontáveis lugares. Uma das perguntas centrais é: qual o papel da teologia nos dias de hoje como elemento crítico de uma prática tão danosa e excludente? A questão é que não podemos falar em *uma* teologia. É sabido que a existência de grupos LGBTQIAPN+ dentro do cristianismo é vista sob diferentes ângulos: a teologia tradicional, a teologia inclusiva e a teologia queer. No meio das diferentes vertentes, vê-se uma grande lacuna que, ao que se nota, impossibilita o diálogo e a proposição para o avanço da questão.

A teologia tradicional vem sendo praticada há séculos. São incontáveis exemplos onde, baseado nas passagens bíblicas seguidamente citadas como razão para sua postura, a homossexualidade é completamente excluída do seio das igrejas, com a rejeição e a supressão das vivências afetivas e sexuais não normativas dos espaços de fé e comunhão religiosa. Como Borrillo nos mostra, a história do povo ju-

⁸ Aqui também é possível notar a importância de considerarmos o caráter autobiográfico em *Boy Erased* para entender a formação de Conley como escritor e figura pública.



deu também se fez através da conservação cultural de sua sociedade patriarcal. É aí que se encontra parte das principais raízes da rejeição da homossexualidade na fé judaica, que persistiram após a era cristã e ainda são tão fortes no mundo cristão ainda hoje.

Para Borrillo (2021), os grandes aparelhos do poder normalizador, como a igreja, o direito, a medicina e a psicanálise, se recusaram a abordar em suas pautas a questão da homossexualidade por muito tempo, criando, assim, uma banalização institucional de uma questão tão premente nas sociedades. Se formos observar a raiz das principais causas da homofobia e da exclusão das pessoas LGBTQIAPN+, a igreja terá grande destaque neste processo. Ao traçar as origens da homofobia e sua relação com a tradição judaico-cristã, leia-se as interpretações descontextualizadas do livro de Levítico e das cartas Paulinas, Borrillo (2021) afirma

Em nossos dias, o que parece surpreendente não é tanto a hostilidade anti-homossexual no contexto sociopolítico de emergência do *Levítico*, mas seu uso constante e repetido pelas autoridades na época contemporânea: várias leis contra a sodomia nos EUA baseiam-se nesses trechos bíblicos. Além disso, uma carta recente da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé [instância vaticana], dirigida aos bispos católicos, lembra que a condenação levítica faz precisamente referência aos comportamentos homossexuais. A Suprema Corte dos EUA justifica, em uma decisão de 1986 (BOWERS), a constitucionalidade de uma lei do Estado da Geórgia ao reprimir a sodomia com base nos valores judaico-cristãos que amparam tal proibição. Do mesmo modo, na França, o procurador do Supremo Tribunal evocava a “moral tradicional” para rejeitar direitos aos casais do mesmo sexo (Daniel BORRILLO, 2021, p. 48-49).

Escrito há mais de vinte anos, *Homofobia – história e crítica* de um preconceito, ainda é um dos estudos mais aprofundados sobre o tema. Como Borrillo esclarece, não seria possível traçar as origens da homofobia sem investigar sua origem na cultura judaico-cristã. O que continua a surpreender ainda mais é que hoje, começo da terceira década do novo século, leis e sanções continuem a se basear nas mesmas passagens bíblicas em inúmeros países (como já citado aqui no caso de proposi-



ções de leis anti-LGBTQIAPN+ em curso nos EUA e Brasil). Desta forma, a despeito do fenômeno recente das igrejas inclusivas, a exclusão das vivências religiosas, afetivas e sexuais da comunidade LGBTQIAPN+ continua a ser sistematicamente reforçada em inúmeros espaços sociais, incluindo (e principalmente) as grandes igrejas, de perspectiva conservadora, e suas diferentes denominações.

A teologia tradicional tem um forte papel na manutenção deste quadro. Se o papel da teologia é, dentre outros, o de lidar com o conjunto de princípios norteadores de uma determinada religião, no caso do cristianismo, a teologia tradicional vem reforçando os termos da relação entre Deus e as pessoas baseado na orientação sexual e na identidade de gênero como elementos-chave de pertencimento ou total exclusão da promessa contida no Evangelho. Dentre os milhares de exemplos que vêm sendo escritos há séculos, escolhemos apenas um, mas que é ilustrativo da perspectiva conservadora da fé cristã. Em seu livro *Quebrando Correntes – como vencer o maligno e encontrar liberdade em Cristo*, o teólogo norte-americano Neil T. Anderson apresenta um manual de libertação espiritual baseado na Bíblia e em seus muitos anos de experiência no assunto. A homossexualidade é referida pelo autor nos seguintes termos

Comer é necessário e bom, mas abusar da comida, comer alimentos sem valor nutritivo e permitir que a comida controle sua vida *não* é bom. O sexo, conforme Deus o concebeu, é belo e bom, mas o sexo fora do casamento, a homossexualidade e o sexo egoísta extrapolam os limites estabelecidos por Deus e conduzem à escravidão. Se você sucumbir à tentação de satisfazer suas necessidades físicas ou desejos carnis de forma independente de Deus, estará sucumbindo à concupiscência da carne. (ANDERSON, 2020, p. 165).

Ao longo do manual, a homossexualidade é tida como uma escravidão espiritual, como um desvio do comportamento sexual concebido por Deus nas escrituras, bem como um comportamento com origens malignas. Se a homossexualidade é vista como um cativeiro espiritual, então pressupõe-se que as pessoas LGBTQIAPN+ estão impedidas de ter um relacionamento saudável com Deus. Não coincidentemente, as palavras de Anderson encontram forte ressonância nas crenças dis-



seminadas no programa de conversão sexual da AEA, bem como em todo material impresso do programa e da extinta organização *Exodus*. A homossexualidade é, igualmente, vista como uma transgressão da vontade de Deus e como uma ilusão de autossuficiência⁹ do plano divino que impede os termos para uma sexualidade aceitável na visão conservadora do cristianismo.

Como dialogar com a esta teologia que deveria gerar vida, mas que acaba contribuindo com a condenação, a exclusão e morte de um grande número de pessoas que estão fora da heteronormatividade? Aí entra o papel tão revolucionário e fundamental da teologia queer. Agora, não mais uma teologia rígida que continua a se apegar às interpretações decisivas e intransigentes das escrituras, mas uma teologia, como Lisa Isherwood a coloca, subversiva e revisionista. Segundo Isherwood (2015):

Os (as) teólogos (as) queer escrevem o divino de forma diferente porque o foco da reflexão nesta teologia é diferente e a maneira que as pessoas se atrevem a escrever é diferente. Como uma força subversiva, a teologia queer se concentra em armários teológicos, naquilo que não foi dito ou foi escondido. Sua estratégia é ler a teologia desconstruindo dualismos, leituras e oposições. Ela pode ler as Escrituras de uma maneira sexual específica que se afasta da heteronormatividade; ela identifica momentos de resistência sexual em tradições da igreja; ou mesmo tradições alternativas da igreja e encontra áreas negligenciadas pela atenção nas discussões teológicas. Os (as) teólogos (as) queer mergulham na carne em sua plenitude não refinada para abraçar e serem abraçados (as) pelo divino. Corpos dizem histórias muito complexas e desafiadoras e agora se tornam o material do salvífico conto. Estamos todos (as) muito bem cientes de como construímos corpos dentro de limites que nunca poderiam contê-los, mas às vezes os distorceram e mutilaram. A teologia queer desafia as fronteiras e deseja nos impulsionar para um paraíso muito mais amplo, porque a encarnação não será confinada. (Lisa ISHERWOOD, 2015, p. 1348).¹⁰

⁹ Possivelmente, por “sexo egoísta”, Anderson faz referência à masturbação, outro grande tabu e ponto de contestação dentro do Cristianismo.

¹⁰ Queer theologians write the divine differently because the focus of reflection in this theology is different and how people dare to write is different. As a subversive force, queer theology focuses on theological closets, in what has not been said or has been hidden. Its strategy is to read theology dismantling dualist readings and



Num movimento libertador e fortemente em sintonia com a contemporaneidade – os Estudos Culturais e as correntes do Materialismo Cultural britânico já vêm desenvolvendo ações semelhantes desde a década de 1990 – a teologia queer aspira desconstruir leituras e interpretações engessadas e descontextualizadas da Bíblia, propondo novos olhares e posturas subversivas que constroem pontes e ligações onde antes não existiam. Como Isherwood bem coloca, é uma postura de atrevimento dentro de uma tradição que sempre foi tão rígida em seus posicionamentos. Atrevimento para rever a questão do corpo e da sexualidade, principalmente a não-normativa, os temas-tabu por excelência nas culturas judaico-cristãs, contudo agora não mais vistos como o avesso ao que é divino, mas, na visão da autora, como uma ponte para o centro da vontade do divino.

Como Isherwood coloca, diferentemente da teologia tradicional, a teologia queer mergulha na carne em toda a sua plenitude como forma de alcançar a Deus. Talvez o exemplo mais extremo desta prática se encontra na teologia queer desenvolvida por Marcella Althaus-Reid. A teóloga desenvolveu o que chamou de uma “teologia indecente” para se referir à

Teologia Queer cujo círculo hermenêutico é informado pela Teologia da Libertação latino-americana e, portanto, baseia-se na práxis política da libertação. Uso o conceito de “indecência” porque o eixo de decência/indecência é constitutivo da regulamentação da ordem da sociedade em meu próprio país, a Argentina, principalmente para as mulheres. (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 249).

oppositions. It may read the Scriptures in a specific sexual way which departs from heteronormativity; it identifies moments of sexual resistance in church traditions; or even alternative church traditions and finds neglected areas for attention in theological discussions. Queer theologians plunge into flesh in its unrefined fullness in order to embrace and be embraced by the divine. Bodies tell very complex and challenging stories, and these now become the stuff of the salvific tale. We are all too well aware of how we have constructed bodies within boundaries that could never contain them but have at times distorted and mutilated them. Queer theology challenges the boundaries and wishes to propel us into a much wider paradise, because incarnation will not be confined. (Lisa ISHERWOOD, 2015, p. 1348). (Minha tradução)



Para a teóloga, os conceitos (ou eixos) sociais de decência – o que é próprio e tido como correto, e de indecência – o que é improprio e tido como incorreto (moral e socialmente), também informam as práticas religiosas e teológicas. Uma vez que as identidades LGBTQIAPN+ se encontram fora do eixo da decência na teologia tradicional, a única maneira de se pensar uma teologia queer é a do rompimento com os conceitos e com a ética da teologia tradicional, que é “decente” e que, portanto, exclui as sexualidades fora da matriz heteronormativa. Assim, a teologia indecente pensada por Althaus-Reid pretende criar rotas e possibilidades alternativas de inclusão para as identidades e práticas sexuais não-normativas dentro da fé cristã.

Dentro destas novas rotas de se fazer e de se pensar a teologia, e de se chegar até Deus, o corpo e a sexualidade assumem um papel central na teologia queer da autora e teóloga, como forma de alterar a configuração da teologia tradicional. O alvo aqui é a ruptura com uma teologia que nega a existência e o acesso das pessoas LGBTQIAPN+ dentro da fé cristã. Como Althaus-Reid (2019) coloca

Portanto, ao refletirmos as questões da identidade da teóloga e das formas de se fazer Teologia Queer, precisamos iniciar uma reflexão intimamente ligada a uma conversa teológica sobre relacionamentos amorosos e prazerosos. Este é um dos mais importantes desafios que as teólogas queer colocam à teologia do século vinte e um: o desafio de uma teologia onde sexualidade e relacionamentos amorosos sejam não apenas questões teológicas importantes, mas experiências que desconfiguram a Teologia Totalitária (T-Teologia) enquanto reconfiguram a teóloga. (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 26).

Não apenas sexualidades e práticas “indecentes” são trazidas ao fórum de discussão, mas também o princípio do prazer nas relações amorosas, tema bastante circunscrito às relações heteronormativas monogâmicas na teologia tradicional e na ética sexual judaico-cristã. E mais, estas relações afetivas e sexuais não-normativas são o próprio material para o desenvolvimento da teologia queer.

Para Althaus-Reid (2019), ao *queerizar* a teologia, ou seja, romper com a T-Teologia, abre-se novas rotas e possibilidades de se pensar a relação entre indivíduos e experiências sexuais queer com Deus e a fé



cristã. Isto não significa romper totalmente com a teologia tradicional e com a tradição cristã, mas sim “virá-las de ponta cabeça” para que se encontrem brechas que possam revelar incongruências dentro da tradição da igreja tradicional e suas crenças e práticas. Segundo a teóloga, “[a] maior parte do trabalho de queerização das tradições das igrejas implica reposicionar o sujeito queer e indecente na teologia, dando testemunho de outras tradições (ou de tradições do Outro) relacionado ao amor e à sexualidade” (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 26).

Provavelmente, ao romper com a tradição teológica e sexual da igreja, na perspectiva conservadora, e ao incluir outras tradições e práticas religiosas no fórum de discussão, a teologia queer proposta por Althaus-Reid assume seu caráter mais polêmico. Na busca por “rotas alternativas” para se chegar até Deus, Althaus-Reid propõe caminhos que são, de fato, controversos. Nas palavras da teóloga:

Depois de tudo ter sido dito pela T-Teologia, ousar conceber um mapa de redenção que não seja precedido por uma territorialização das marcas sagradas (sexuais) do império colonial significa o início de uma ruptura com a Teologia Colonial, o que ao mesmo tempo marca a origem de algo novo. Essa novidade, que é heroica (embora não sacrificial) se origina nas teologias queer. Podemos vê-las anunciando o início do fim das teologias sistemáticas, enquanto acolhem o nascimento da demonologia. Reflitamos sobre este ponto. A personificação da santidade na Teologia Queer, isto é, sua concretude, depende de como incorporamos as rebeliões, principalmente as rebeliões legais (sexuais). Agamben nos lembra de como o elemento demoníaco e a felicidade eram dois conceitos relacionados para os filósofos gregos (AGAMBEN, 1999, P. 138). No estudo de Benjamin sobre as *Afinidades Eletivas* de Goethe, o demoníaco é o inconcebível, a Bi-Teologia feita do humano e do sagrado, tomados juntos e sem fronteiras, uma “solidariedade do espírito e do sexo”, cuja lei é representada pela ambiguidade (AGAMBEN, 1999, p. 149). Esse é precisamente o ponto para uma Teologia Queer como demonologia, uma teologia cujo ponto de partida é o conhecimento dos espíritos rebeldes, uma teologia que exponha e acuse a ordem sagrada legal de ser construída e não natural. (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 185).



Na visão da teóloga, a novidade e a ruptura com a visão tradicional da igreja, necessárias para a concepção de uma teologia queer, vêm na forma do acolhimento de espíritos rebeldes, que seriam a concretude de uma santidade dita queer. Pessoas LGBTQIAPN+, por se diferenciar da ordem sexual vigente na igreja em suas práticas sexuais e afetivas, encontrariam afinidade com estes espíritos rebeldes. Santidade queer e rebelião passam a ser sinônimos. Por isto Althaus-Reid concebe a teologia queer como demonologia, que pretende expor as brechas da ordem sagrada da igreja e da teologia tradicional, num movimento de confrontação direta com esta tradição. A teologia queer pensada pela teóloga busca a libertação sexual, o prazer e a felicidade como norteadores da prática religiosa, da santidade e do relacionamento com Deus, embora por meios antagônicos ao texto bíblico. Como Althaus-Reid afirma, os (as) teólogos (as) queer buscam “pela face do Deus Queer através da redescoberta teológica do conhecimento dos relacionamentos amorosos fora da conversão, a tarefa é a de compreender as construções sexuais como constitutivas da existência” (Marcella ALTHAUS-REID, 2019, p. 185).

A grande disparidade de visões nos dois posicionamentos – o tradicional e o inovador – acaba por gerar esta grande lacuna que coloca a questão do acolhimento da experiência LGBTQIAPN+ nas igrejas e no cristianismo em um *modo de espera* indefinido: de um lado uma teologia conservadora que vê a homossexualidade como tendo causas espirituais, familiares, demoníacas, autônomas e contrárias a Deus (como visto nos relatos verídicos no livro *Boy Erased*, bem como no manual de libertação espiritual escrito por Anderson). De outro, uma teologia queer que mergulha fundo na carne, entendendo que a experiência sexual constitui o ser, que a rebeldia sexual é uma forma de santidade, que a demonologia pode trazer respostas que norteariam a teologia queer. Desta forma, não parece haver a possibilidade de entendimento, visto que as duas correntes, em seus pressupostos e crenças, estabelecem visões concorrentes do evangelho e sua promessa de inclusão para todas as pessoas, mas que passa pela figura central de Cristo e seus ensinamentos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência e a consolidação das igrejas inclusivas e da perspectiva inclusiva da fé cristã é um fenômeno irreversível que a perspectiva conservadora cristã não poderá mais ignorar ou negar por muito tempo. É possível ver o fenômeno como uma “nova reforma”, semelhante à reforma protestante de Lutero no século XVI; poucas vezes a fé cristã esteve frente a um desafio e uma renovação de tamanha magnitude. O desafio maior é como as diferentes teologias – a teologia tradicional, a teologia inclusiva e queer – irão dialogar e criar os termos para que uma real conversação seja estabelecida.

Há séculos temos visto uma igreja tradicional engessada na religiosidade e no cerimonialismo e, ainda, centrada na conservação cultural da sociedade patriarcal (fator existente desde a formação do povo judeu). É este tipo de posicionamento que gera práticas intolerantes como a da terapia de conversão. Por outro lado, temos visto o desenvolvimento de uma teologia queer ávida por inclusão e pertencimento, mas que, muito vezes, desconecta-se da figura de Cristo e do que Ele representa. É justamente através da conversão em Cristo que as vivências sexuais e afetivas da comunidade LGBTQIAPN+ podem ser incluídas e ressignificadas dentro de uma teologia e de uma igreja que souberam entender este chamado e esta necessidade.

Assim, é preciso que a teologia tradicional “baixe a guarda,” mostrando humildade e abertura, e deixe de excluir as pessoas LGBTQIAPN+ das igrejas e da salvação. Não será uma tarefa fácil, certamente. A teologia queer precisa achar os meios para a inclusão das pessoas LGBTQIAPN+ nas igrejas, mas sem se descaracterizar como sendo uma teologia que admite que, apesar dos erros da igreja por séculos (e de grande parte de sua teologia), Jesus Cristo ainda é o alvo principal desta luta. O alvo é se chegar à compreensão de que, independentemente da condição de uma pessoa, o evangelho inclui a todos (as). Além disto, parte do problema pode estar na palavra “versus” presente no subtítulo anterior e presente na concepção pública em geral. Uma coisa versus a outra. Enquanto as diferentes teologias forem na direção contrária, muitas vezes com posições extremas e aguerridas em suas concepções, um verdadeiro diálogo se torna pouco provável, deixando



de fornecer os meios para um real avanço. A perspectiva conservadora do cristianismo continuará a estimular casos como o descrito no livro de memórias *Boy Erased* diariamente, leis anti- LGBTQIAPN+, baseadas em interpretações fundamentalistas do texto bíblico, continuarão a ser propostas, vidas serão negadas e perdidas e o verdadeiro propósito do evangelho de Cristo, uma boa nova de amor, graça e inclusão *ilimitada*, terá sido desconsiderado.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Neil T. **Quebrando Correntes**: como vencer o maligno e encontrar liberdade em Cristo. 3 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus Queer**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2019.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BÍBLIA. Língua Portuguesa. **Bíblia NTLH**: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1792 p.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para Quê?** Trad. Laura T. Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CONLEY, Garrard. **Boy Erased**: Uma verdade anulada. Trad. Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- GARCIA, Marcos Roberto V.; MATTOS, Amanda R. “Terapias de conversão”: histórico da (des) patologização das homossexualidades e embates jurídicos contemporâneos.” **Psicologia**: Ciência e Profissão, 39 (n.spe 3), p. 49-61, 2019.
- ISHERWOOD, Lisa. Christianity: Queer Past, Queer Future? **Horizonte**, v. 13, n. 39, pp.1345-1374, 2015.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MUSSKOPF, André S. **Fazemos a teologia que podemos**: igrejas inclusivas na América Latina nas décadas de 1980 e 1990. Belo Horizonte: Editora Senso, 2021. E-book Kindle.
- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Submetido em: 28-09-2023

Aceito em: 17-10-2023